

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	17.º Anno — XVII Volume — N.º 546	Redacção — Atelier de Gravura Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	5120	21 DE FEVEREIRO DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



DUQUEZA DE PALMELLA

(Copia de uma photographia de Nadar)



CHRONICA OCCIDENTAL

O grande acontecimento da semana foi a estreia do barytono Maurel no theatro de S. Carlos, e comprehende-se bem isso desde o momento em que Maurel é hoje cotado como uma celebridade no mundo lyrico, o primeiro barytono entre os primeiros, desde o momento em que elle foi, entre todos, o escolhido pelo famoso Verdi para creador das duas operas mais importantes, que n'estes ultimos annos tem apparecido na scena lyrica do mundo — o *Othello* e o *Falstaff*.

Ainda que o nome de Maurel não fosse ha muito tempo illustre, ainda que o seu grande talento de comediante e a sua consumada arte de cantar não lhe tivessem dado de ha muito a sua famosa nomeada, bastaria com certeza essa escolha do grande mestre para lhe dar a celebridade, e comprehende-se portanto a sensação enorme, que não podia deixar de fazer, entre todos que se interessam por assumptos musicaes, a noticia do apparecimento do famoso artista no palco de S. Carlos; comprehende-se o alvoroço, a anciedade com que o publico de Lisboa correu a encher o theatro de S. Carlos na noite da estreia de Victor Maurel.

E essa anciedade era tão grande, que desprezando as leis da elegancia, que mandam não se ser pontual á hora de começar o espectáculo, visto essa pontualidade ser considerada ridiculamente burgesa, ás oito horas em ponto estavam todos nos seus camarotes e nos seus logares, e eu, sentando-me no meu logar, cantava um pedaço da *Semiramis* antes de Maurel cantar o *Fausto*, e exclamava como Arsace a entrar em Babilonia — *Ecco me alfine... na plateia de S. Carlos*.

E o meu *alfine* tinha muita razão de ser porque, apesar da estação lyrica estar já perto do seu fim, era essa a primeira noite que eu me sentava na minha cadeira, e que a minha impertinente erysipella me dava licença de ir julgar da companhia de S. Carlos sem curar por informações.

Para mim havia por tanto n'essa noite duas estreias, a de Maurel e a minha.

Não se pôde dizer com verdade que dessemos ambos no vinte.

Eu ouvindo o *Fausto* não fui muito feliz, elle cantando o não foi d'uma felicidade por ahí alem.

Quando o *Fausto* se representou pela primeira vez em Paris, — ha trinta e quatro annos, nem mais nem menos, e eu ainda sou do tempo em que o *Fausto* era uma novidade fresquinha! — a critica, apreciando a obra do grande maestro e prestando-lhe as homenagens que ella merece — foi unanime em dizer que o diabo *ne portait pas banheur* ao sr. Gounod.

Pois se o diabo não dava felicidade a Gounod, tambem entre nós não a deu a Maurel.

E não a deu, não porque o illustre artista não desempenhe primorosamente o papel de Mephistopheles, porque o não represente como em Lisboa nunca fôra representado, apressamo-nos a registal-o, mas porque esse papel, q. e não se presta muito a pôr em relevo as grandes qualidades artisticas de Maurel, deixa a descoberto as deficiencias vocaes do illustre artista, tanto mais quanto é precisamente pelos grandes effeitos de voz, que o papel de Mephistopheles tem feito successo em S. Carlos.

Em primeiro logar o personagem de Mephistopheles é, de opinião dos mais illustres criticos musicaes da França, o unico personagem *manqué* da partitura de Gounod.

O celebre maestro francez não conseguiu traduzir na musica do diabo de Goethe, aquelle diabo essencialmente germanico, que nem o proprio Spohr conseguiu desenhar no seu *Fausto*. A musica de Mephistopheles é geralmente banal, em vez de ser estranha e como personagem phantastico, sobrenatural, o diabo de Gounod faz triste figura ao pé do Bertrand de Meyerber e do Gaspard do *Freyshutz*.

A canção do *Dio del'oro*, evidentemente um dos trechos menos felizes da partitura tem sido em S. Carlos o trecho saliente do Mephistopheles, e tem-n'o sido á força de pujança de voz.

Vem isto talvez da tradição do *Fausto* entre nós, do grande exito que a opera de Gounod teve logo da primeira vez que se cantou em S. Carlos e da interpretação que dava á parte de Mephistopheles o artista que entre nós o creou e que por essa criação ficou celebre nas reminiscencias de nosso theatro lyrico, o baixo Junca, que possuia uma voz possantissima, e que fazia

do diabo de Goethe um Lusbel de oratoria portugueza.

Os artistas que succederam immediatamente a Junca no desempenho de Mephistopheles seguiram pouco mais ou menos nas mesmas aguas, á excepção do baixo Petit, que deu ao papel uma interpretação inteiramente differente, interpretação que teve as honras de merecer um folhetim na *Gazeta de Portugal* ao illustre escriptor Eça de Queiroz, que, sahido então da Universidade começava a apparecer no mundo litterario.

Representado pela primeira vez em Lisboa, em 1865, o *Fausto*, n'estes vinte e nove annos decorridos tem subido á scena quasi que todas as epochas e são portanto numerosissimas as dynastias de Margaridas, de Faustos, de Valentins, e de Mephistopheles, que existem nas tradições de S. Carlos.

Na dynastia dos Mephistopheles figuram além dos dois artistas já citados os baixos mais illustres que n'estes ultimos annos tem havido na scena lyrica, o Merly, o Castelmany o Vidal, o Uetam, o David, o Nannetti, o Eduardo de Reské — que foi um dos melhores — e d'esses todos os que mais agradaram ao publico foram exactamente aquelles que dispunham de mais potente e volumosa voz.

Ora o barytono Maurel não deve a sua celebridade á qualidade, força e intensidade de voz, deve á sua primorosa sciencia de cantor, ao seu extraordinario talento de comediante e no papel de Mephistopheles tem muito mais que ver do que ouvir.

O seu canto é correctissimo, mas tem se ouvido cantar assim mais vezes o *Mephistopheles* e tem-se ouvido cantar com muito mais e com muito melhor voz, o seu jogo de scena porém é que é extraordinario como cá nunca se viu fazer.

Cantou muito bem o *Dio del'oro*, mas cantou o sem uma palma, porque artistas com muito menos nome do que elle, tem tirado d'esse trecho muito maior effeito, mas a mimica expressiva com que Mephistopheles ouve o côro das cruces é que é trabalho soberbo de expressão d'um actor consummado e que nunca se tinha feito em S. Carlos.

No 4.º acto, a scena da igreja é representada magistralmente por Maurel, e magistralmente cantada e detalhada a serenata, com umas *nuances* novas, uns effeitos originaes que conquistaram ao grande artista as primeiras palmas, que recebeu do publico de S. Carlos, primeiras e unicas no *Fausto*, porque apesar do seu extraordinario trabalho de comediante, em mais nenhum trecho foi applaudido, mercê da educação muito italiannada do nosso publico, que em S. Carlos se enthusiasma muito mais com habilidades de vocalisação do que com primores de interpretação dramatica.

E é por isto que nós dizemos que o diabo não deu felicidade ao sr. Maurel entre nós. Se em vez de se estreiar no *Fausto* se estreiasse n'uma opera como o *Othello*, por exemplo, em que a parte artistica do seu papel dá larga margem a fazer valer o seu grande talento de comediante, em que abunda declamação lyrica, que exige muito mais arte do que voz, a estreia do illustre artista teria com certeza sido uma enorme ovação como o tem sido em toda a parte. Além d'isso no *Fausto* o sr. Maurel apresentou-se-nos muito mal acompanhado.

O ensemble da opera é menos do que mediocre; por mais d'uma vez despertou ruidosa pateada ou gargalhadas hilariantes e com certeza isso não contribuiu pouco para a falta de enthusiasmo do publico.

Não tinhamos visto ainda nenhuns dos artistas da actual companhia lyrica, e os que vimos no *Fausto* não nos deixaram muitas saudades de não termos ha mais tempo feito o seu conhecimento, mas para não sermos injustos e construirmos uma opinião sobre o acaso d'uma noite pouco feliz, ou d'uma opera avessa aos seus recursos, reservamos para mais tarde a nossa apreciação a respeito d'elles.

Além de tudo isso a opera foi no seu conjuncto desempenhada com muita hesitação e por vezes com bastante desafinação, como por exemplo a marcha e côro do quarto acto, que foi recebida com violentas manifestações de desagrado.

E tudo isso concorreu para que a estreia de Maurel não fosse das mais felizes, e a nossa estreia das mais auspiciosas.

Esperamos a desforra, duas desforras, a minha como espectador e a d'elle como cantor, no *Othello* e no *Falstaff*.

Gervasio Lobato.

sociedade, a duqueza de Palmella tem a aureolar, lhe todas essas grandezas, como que a divinisa-as a mais santa e mais querida de todas as grandezas humanas: — a grandeza d'alma, a grandeza do coração.

Primeira entre as fidalgas pela sua suprema elegancia, pela sua alta distincção; primeira entre as artistas pelo seu talento prestigioso, que todos os dias se affirma radiantemente em primorosas esculpturas, que são não só uma gloria para a artista como tambem um triumpho para a arte portugueza; primeira entre as benemeritas da nossa terra pelo Bem que em torno de si espalha, com mãos prodigas, é sob estes tres aspectos differentes e brilhantes, que a duqueza de Palmella se impõe ao respeito, á admiração, á adoração dos seus contemporaneos, á consagração gloriosa da historia.

Fidalga, a duqueza de Palmella occupa logar á parte na alta sociedade portugueza, pela maneira unica como sabe consorciar as tradições da raça com as elegancias modernas; apagando n'estas tudo o que ellas tem de banal, n'aquellas tudo o que ellas tem de archeologico, e é assim que a sua physionomia original e fascinante se distingue de todas as outras do nosso paiz por um cunho de individualidade, que a torna inconfundivel, que em toda a parte onde ella apparece faz destacar salientemente a sua fina linha aristocratica dos grossos traços afidalgados, da burguesia endinheirada e enobrecida improvisadamente, como o brilhante verdadeiro se destaca pelas irradiações fulgurantes das suas facetas purissimas, d'entre as joias falsas e as minas novas trabalhadas commercialmente para o regimen do Postiço e do convencional, que domina, como senhor absoluto, as sociedades modernas.

Esculptora, a duqueza de Palmella não seguiu a tradição dos amadores e em vez de entrar n'esse grupo, desgraçadamente tão numeroso, de curiosos, que fazem consistir a sua gloria em fazer aquillo que não sabem fazer, dedicou se ardentemente ao estudo da arte e de ha muito que disputa primasias com os verdadeiros artistas, equalando-os muitas vezes, excedendo os algumas, como ainda ha pouco o demonstrou triumphantemente n'essa brilhante exposição de esculptura, por Sua Excellencia promovida, e que, com as apparencias despreziosas de ser apenas um auxilio prestado a uma obra pia iniciada por uma sua amiga intima, se transformou, mercê do alto merecimento das obras d'arte expostas, n'um verdadeiro acontecimento artistico do nosso paiz.

Riquissima, a duqueza de Palmella põe a sua riqueza ao serviço d'um espirito excepcionalmente artistico, que tem o segredo de todas as elegancias, d'um coração excepcionalmente bondoso, que tem o segredo de todas as delicadezas.



YACHT SURPREZA

A DUQUEZA DE PALMELLA

Grande pelo talento, grande pelo espirito, grande pelo nascimento, grande pela riqueza, grande pela posição proeminente, que occupa na nossa

Os seus palacios são verdadeiros museus em que se accumulam thesouros d'arte de inapreciavel valor: o seu *atelier* de esculptura é um deslumbramento de supremo bom gosto, as suas equi-

A CUERRA HISPANO-MARROQUINA



MAHOMEDE BEN YEMEDA



PRINCEPE MULEY ARAAF

MEDIANEIROS DA PAZ ENTRE MARRUCOS E HESPAHHA

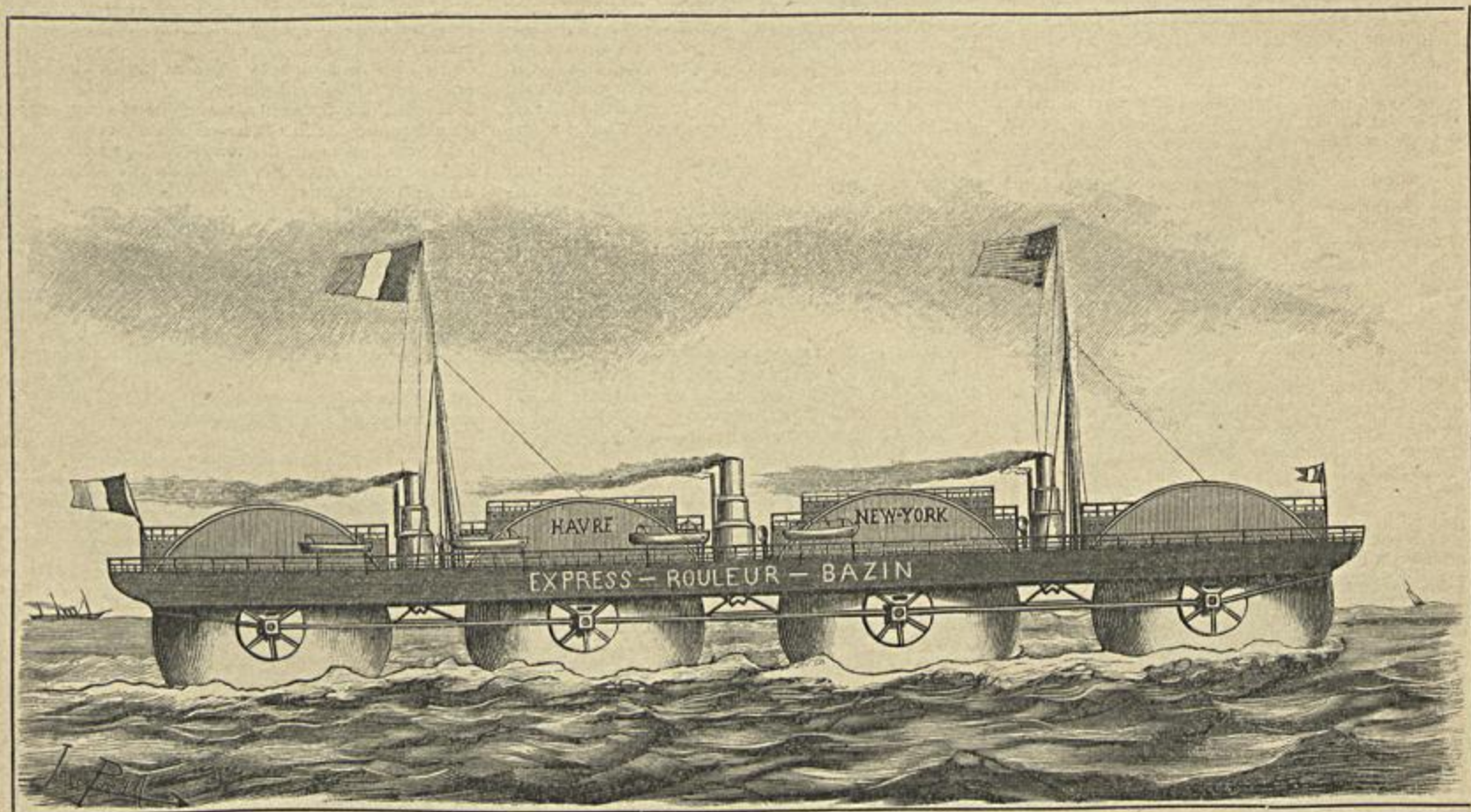
Portanto em numeros redondos, um fluctuador de 22 metros de diametro com um terço do seu diametro mergulhado, fazendo 22 revoluções por minuto, e convenientemente impellido, percorreria 950^m.4 por minuto. Diametro 24x3 (circumferencia, approximadamente) e 10 por cento de caminho utilmente percorrido dá 4320 por revoluçã para 22 voltas por minuto o que dá 950,40

metros n'um minuto o que n'uma hora dá 57,024.00 ou 57 kilometros ou 30,7 milhas.

Com esta velocidade o *Express-Bazin* percorrerá em 103 horas 5:871 kilometros, isto é, 1463 leguas e a distancia do Havre a New-York é de 1463 leguas, o que nos dá este trajecto feito em quatro dias e sete horas!

Não é este o primeiro trabalho do illustre en-

genheiro francez, já em 1874 a revista *Le Monde Illustré*, no seu numero 915 nos dá noticia do invento de um navio expresso, destinado como este de que damos a gravura, a fazer transportes entre o Havre e New-York, e não só este importante trabalho mas tambem sabemos da construcção d'uma draga segundo um seu modelo destinada aos grandes trabalhos da canalisação do Neva, de



NAVIO ROLANTE «BAZIN» — DESTINADO ÀS CARREIRAS ENTRE O HAVRE E A AMERICA DO NORTE

(Desenho do sr. José Pardal)

S. Petersburgo a Cronstadt. Pelo visto, se deprehende quanto ha esperar de tão notavel e pres-timoso innovador.

MADRID — PRAÇA DA «PUERTA DEL SOL»

Outro logar do OCCIDENTE publicamos o artigo respeitante à nossa gravura, a *Puerta del Sol*, e que é um excerpto das impressões de viagem, que o nosso illustre amigo sr. Conde de Valençães, publicou em 1887, no *Diario Popular*.

A esta folha e ao sr. Conde de Valençães pedimos venia pela transcrição, convictos de que os nossos assignantes não de agradecer-nos a revivencia de prosa tão viva e animada, e que bem nos faz sentir e ver a phisionomia especial, a feição característica d'aquella praça, a primeira de Madrid.

nos por occasião do conflicto internacional de 1879, em que deu provas de grande capacidade e sagacidade politica, a par de um acrisulado amor patrio, em situação tão defícil para o seu paiz.

A elle deve, em grande parte o Peru a paz que desfructa ha mais de dez annos. Do seu valor militar tambem deu provas inequivocas na defeza nacional, quer combatendo como soldado, quer affirmando os seus altos dotes de comando.

Por tres vezes presidente de ministros, foi eleito nas ultimas eleições vice presidente da Republica do Peru,

E' pois, um diplomata dos mais distinctos que o Peru enviou á Europa a representar o seu governo n'estas duas côrtes da Peninsula Iberica, que tão estreitos laços prendem aquelles povos americanos.

As tres da tarde, vereis ás portas do Café Universal, ou derivando sobre a *calle* de S. Jeronimo, rodeados de ingenuos admiradores, os *toreros* populares de Madrid: — Rafael Molina (o Lagartijo); Guerrita (o discipulo amado de Frascuelo¹); Julio Aparici (Fabrillo); Cara Ancha; Antonio Arana (Jarana); Hermosilla; e o elegante Luis Mazzantini; — para o lado do ministerio da *Gobernacion*, os pretendentes da provincia, que sobem e descem, em cata de emprego, as escadas d'aquelle palacio do governo; — ao bello do sol da peninsula, silentes em sua indiferença consoladora, e sentados nas bordas do tanque, os vadios; — e, atravessando a praça, leves, palreiras, vistosas com seu elegante penteado, chale de ramagens, e voluvel *abanico*, — as *chulas*. Innumeros cidadãos de chapéo alto, escovados, barbeados, bem calçados, muito urbanos, sorridentes, felizes, mesmo os velhos, vão pelos passeios que



MADRID — PRAÇA DA «PUERTA DEL SOL»

D. PEDRO ALEXANDRINO DEL SOLAR

Ministro plenipotenciario do Peru,
em Madrid e Lisboa

O ministro plenipotenciario o sr. D. Pedro Alexandrino del Solar, que a Republica do Peru enviou á côrte de Madrid e de Lisboa, como seu representante, é um dos politicos mais notaveis d'aquelle paiz, pelo seu saber e fina diplomacia.

Desde os seus primeiros estudos revelou tão decidida vocação para o cultivo das sciencias, que aos vinte annos apenas de idade, era já um cathedratico e aos trinta decano da faculdade de sciencias e jurisconsulto notavel.

Exercendo por alguns annos a profissão de advogado, foi depois nomeado juiz do Tribunal Supremo de Justiça, no Peru.

Em 1860 foi eleito deputado e depois senador, distinguindo se no congresso, pela sua eloquencia e tacto politico, o que lhe grangeou a estima, admiração e respeito dos seus conterraneos amigos e adversarios politicos, não se distinguindo me-

NA «PUERTA DEL SOL»

É a quinta vez que atravesso por Madrid; e agora a encontro mais em augmento, mais espaçada, mais alegre e ruidosa.

Na *Puerta del Sol*, o coração da cidade, é aonde se escutam as grandes palpitações da sua vida. Desde manhã tem voz; ao cair da tarde, porém, essa voz percorre todas as notas da escala musical. E' no som, o que o arco-iris é na luz, — tem todas as côres. Para o viajante não existe outro logar mais feliz; nem se ouvem lamentos, nem se descobrem andrajos.

Em 1883, quando aqui passei para Italia, a luz electrica, illuminando á noute a *Puerta del Sol*, dava-lhe um novo realce. O repuxo do enorme tanque, que marca o centro da praça, lançando aos ares o seu *bouquet* elegantissimo, compunha com o azul do céu e as figuras dos tranzeutes, vagamente esclarecidas, um quadro paradisiaco, semelhante ás grandes telas de Puvís de Chavanes. Hoje, aquella hora o quadro é differente; mas, sendo os frequentadores os mesmos, é sempre pittoresco, unico, original.

colleiam a praça; e gesticulam e todos se cumprimentam:

- D. José.
- D. Antonio.
- D. Manuel.
- Vaya usted con Dios.
- Adios Paco.
- Besos a los niños.
- Ay que gracia, marqués.
- A los piés de usted, señora

E' o que se ouve. Misturada de gente, confusão de vozes; em que muita vez a guitarra põe a musica alegre da *seguidilla*; a harpa os compassos melodicos das canções italianas; ingente e borboalhado concerto, de que os pregões dos jornaes são a nota alegre, viva, cantante, e o rumorejo monotonico e plangente do repuxo, os bordões ou a segunda. Tudo festa, tudo orchestra!

Na Europa não se encontra outra praça tão pittoresca.

¹ Guerrita é o discipulo predilecto de Frascuelo, que, deixando a arena (maio de 1890), lhe confiou a espada com que acabava de matar *Regaton*, o seu ultimo touro.

Uma tarde, por fim, cansado já d'aquella ideia torturante que absorvia todas as suas vigílias, resolveu derer D. Balthazar, quando elle já transpunha o largo portão da casa, na sua habitual sortida:

— Senhor sobrinho, faça favor de me esperar aqui fóra; temos que fallar.

D. Balthazar parou, vagamente desconfiado; entretanto respondeu com voz jovial:

— A's ordens, reverendo tio!

O padre desceu á rua, e os dois seguiram silenciosamente por um deserto córrego marginado de silveiras. Ao fim de alguns minutos vendo a mudez teimosa do velho, D. Balthazar murmurou com fingida despreocupação:

— Então que ha?

O padre, áquella pergunta subita, sentiu que toda a erudição estudada se perdia nas nevoas do seu espirito indignado, e apenas exclamou com impeto:

— O que ha?... E' essa historia da judia que vossa mercê para ahí tem e mantém, com escandalo de toda a gente! E' isto o que ha, senhor sobrinho, uma patifaria de marca!

D. Balthazar, estupefacto, apenas teve esta palavra, dita com um accento molle:

— Patifaria?!...

— Patifaria, sim senhor!

Pois como quer que eu chame á ingratidão com que vossa mercê foge de ao lado da esposa, que é uma innocente, para ir encher-se de peccado com uma manceba que nem sequer sangue christão tem? Onde estão os seus brios, senhor sobrinho?

O temperamento despotico e arrebatado de D. Balthazar, inflammou se ás palavras duras do velho. Pouco habituado a encontrar opposições no caminho livre dos seus desejos, e demais, vendo na sua infidelidade conjugal um caso futil e vulgar, sem a importancia que as severidades montezinhas do padre Lopo exageravam, respondeu com uma fria rudeza:

— Ora, senhor tio, saiba que eu, da minha vida, não dou contas a ninguem.

E como o padre o olhasse assombrado por aquella revolta, o moço repetiu intimamente, com mais força:

— A ninguem!

E desandou com passo nervoso por um cotovello do atalho, deixando o velho absorto, meio tonto no meio do caminho.

(Continúa)



REVISTA POLITICA

N'estes tempos que vão correndo, já nada nos surprehe de com respeito á politica do nosso paiz.

Tudo se deve esperar d'este meio, e por mais que as gentes se admirem mais lhes restará para admirar.

A ambição insoffrida cega todos e não ha meios ante os quaes hesitem, se por esses meios se lhes affigura chegarem aos fins.

O natural amor patrio, a natural dignidade humana, os rudimentares principios de honra e de brio, nada impede que se commettam as maiores torpezas, se n'isso vae algum interesse que se julga legitimo, pela desorientação em que tudo anda.

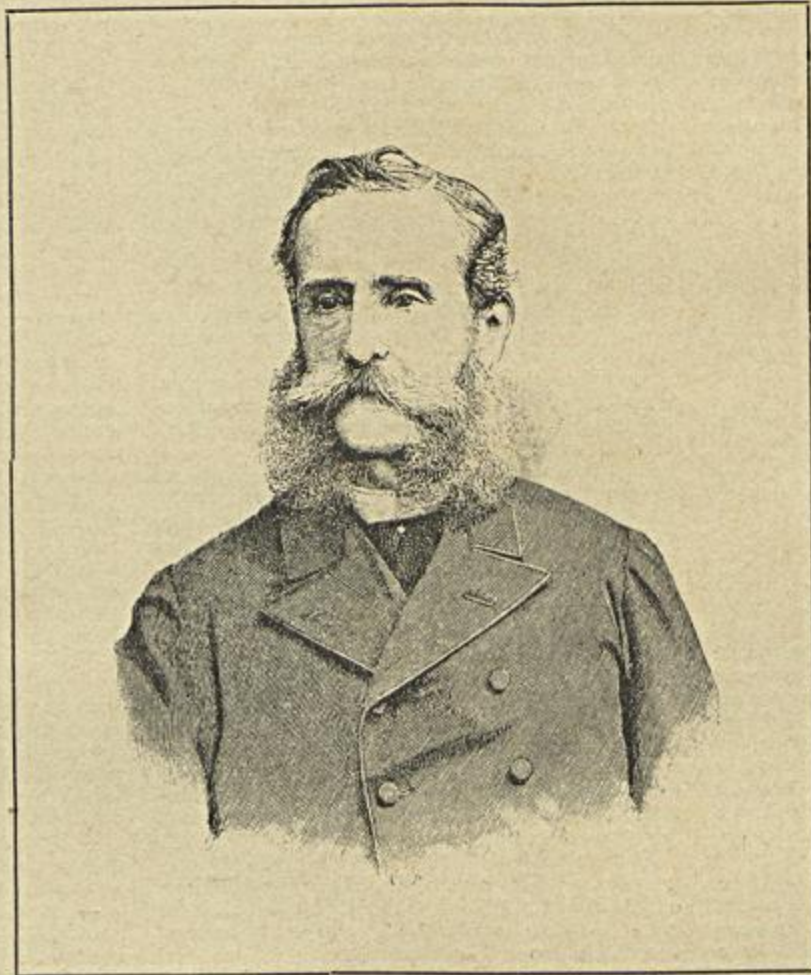
Com a mesma facilidade com que se inventa uma peta do primeiro de abril, se inventa e faz publico uma noticia politica da maior gravidade, em que se põe em jogo os brios da nação, como se qualquer afronta feita á nação não fosse o

mesmo que uma afronta feita a cada um dos seus subditos.

É o que se pôde dizer de um *ultimatum* da França, que appareceu publicado no *Correio da Tarde* e na *Batalha*, dois jornaes de Lisboa, que não hesitaram em publicar a noticia de um *ultimatum*, cuja proveniencia ao certo ainda não souberam explicar.

Esta noticia, que é o acontecimento mais importante d'estes ultimos dez dias, tem sido o toque de alarme para a imprensa estrangeira, a qual está publicando noticias pouco agradaveis ácerca das relações entre Portugal e França, que não deixam de ser inspiradas pelas noticias alarmantes dos citados jornaes portuguezes.

São sebidas de todos as negociações em que o governo portuguez tem andado com os credores estrangeiros da Companhia Real dos Caminhos



D. PEDRO ALEXANDRINO DEL SALAR

MINISTRO PLENIPOTENCIARIO DA REPUBLICA DO PERÚ EM MADRID E LISBOA

de Ferro Portuguezes, assim como toda a gente que sabe um bocadinho de direito, sabe até onde essas negociações pôdem chegar, e por isso é bem de saber qual o grau de gravidade a que pôdem chegar as relações do governo portuguez com os governos das potencias que se interessam pelos creditos que os seus subditos tem sobre a referida companhia.

Essas relações não pôdem deixar de se encaminhar para uma solução pacifica, em que se chegue a um accordo razoavel, respeitando se reciprocamente os interesses do governo portuguez e o dos mencionados credores, isto sem rotura de relações nem quebra de dignidade de parte a parte.

É por isto que todas as noticias, quer publicadas em jornaes estrangeiros, quer em jornaes portuguezes tendentes a agravar a situação de Portugal, não passam de especulações politicas ou de especulações de bolsa, tanto mais condemnaveis quando é a imprensa portugueza que se presta a essas especulações.

Não podemos, porém, deixar de notar uma circumstancia que se deu com a tal noticia do *ultimatum* da França.

Os jornaes que noticiaram este *ultimatum*, disseram que sentiam muito que tal facto se desse, mas ao mesmo tempo punham-se ao lado do governo fraucez e censuravam amargamente o governo portuguez, a quem deitavam as culpas.

Ora dado o caso que tudo fosse verdade, e que o governo actual cahisse em resultado d'este incidente, como se haveria a opposição, se fosse chamada ao poder, para defender os interesses d'este paiz?

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Martyrios e Rosas, versos de Alexandre Luiz da Costa, prefaciados por João José Jara. Lisboa 1894. — Teem este titulo primaveril, vinte composições poeticas que formam o formoso livrinho que temos presente. Por ellas se deduz o quanto ha a esperar do novel poeta Alexandre Luiz da Costa.

Martyrios e Rosas lhes chamou elle; martyrios porque synthetizam os primeiros poemas d'um coração dolorido, rosas porque são as primeiras flôres d'uma alma impressionavel, como o são a de todos aquelles, que tem tambem vinte annos.

Este novo livrinho, producto do trabalho d'um novo, é tambem a primeira obrinha que vemos impressa n'este novo anno, cujos primeiros dias correm parallelos com a bonita anthologia poetica que constitue o pequeno livrinho: o actual anno começou com formosissimos dias, assim o gracioso escripto, que se nos apresenta, começa por versos bonitos e assemelhando-se ainda mais, porque os tem doloridos com os tristes dias enevoados e chuvosos.

D'este doce mixto, envolto n'um prefacio, devêras bem escripto, resulta uma agradável leitura em que a amenidade se casa, se justapõe n'uma perfeita congruencia com a encantadora singeleza do livro.

Diccionario Chorographico de Portugal (parte continental e insular) designando a população por districtos, concelhos e freguezias, a superficie por districtos e concelhos, etc., etc.; por F. A. de Mattos.

Empreza Editora «O Recreio». — Lisboa. 1893. Recebemos esta obra a qual forma um grosso volume de mais de oitocentas paginas, e na qual methodicamente se designam: «todas as cidades villas e outras povoações, ainda as mais insignificantes, a divisão judicial, administrativa, ecclesiastica e militar, as distancias das freguezias ás sedes dos concelhos e comprehendendo a indicação das estações do caminho de ferro, postaes, telegraphicas, telephonicas, do serviço de emissão de vales de correio, de encomendas postaes, repartições com que as diferentes estações permuam malas, etc., etc., etc.» formando um livro apreciavel pelo innumero das indicações preciosas que encerra, e extremamente util porquanto é uma das raras obras em que essa utilidade se mostra irrefragavel e indiscutivel.

Ao prestante editor o sr. João Romano Torres, agradecemos o exemplar com que nos brindou.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Modesto & C.ª, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 e 39 — Lisboa